

As regras básicas das minhas escravas

“Mais que um código de conduta, as regras são um espelho prévio e explícito do estilo de dominação do Mestre que as impõe e exige. Sendo assim, é nelas que a pretensa escrava pode se basear para escolher ou não a ele pertencer.”

1. O ÚNICO E INALIENÁVEL DIREITO DA ESCRAVA É PODER DEIXAR DE SER ESCRAVA QUANDO QUISER.

Na verdade, durante todo o relacionamento, cabe a um bom Mestre respeitar sempre os verdadeiros limites da escrava, sejam de pudor, restrições psicológicas ou de resistência à dor. Isso distingue um Mestre experiente e confiável de um prepotente e violento. E a confiança e segurança da escrava são imprescindíveis para uma boa relação; afinal, estamos falando de uma fantasia reciprocamente prazerosa e não de uma coação ou agressão.

Estes limites podem ser bem conhecidos previamente por meio de um bom diálogo e troca de informações, onde a cumplicidade dos parceiros se faça sempre presente e a escrava tenha respeitada e até incentivada a sua liberdade para tal, porém, pode ocorrer que mesmo assim o Mestre, no clímax de seus desejos, se descuide e extrapole tais limites, principalmente no caso das torturas e castigos físicos. Por isso é comum combinar-se antecipadamente um chamado “*Stop Code*”, Palavra de Segurança ou “*Safeword*” que é uma senha a ser dita ou um gesto a ser feito pela escrava para alertá-lo

quando o mesmo se exceder a tais limites pré-estabelecidos ou à resistência da escrava.

2. **ROUPA:** Na minha presença, estejamos onde estivermos, a escrava deve sempre usar roupas apropriadas: saia ou vestido até no máximo a altura dos joelhos e, preferencialmente mas não obrigatoriamente, da cor preta; sempre sem calcinha e sem sutiã. O vestido ou blusa deverá sempre que possível dar fácil acesso aos seios, um bom visual das costas e – principalmente - ser fácil de tirar.

SAPATOS: devem ser o máximo abertos. Nunca tênis e nada de meias.

MAQUIAGEM: Pouca. Batom, nem pensar.

ADORNOS: Nada de joias ou adereços. Os adornos da escrava em público são sua coleira de passeio e algum outro ornamento dado por mim para seu uso.

CABELOS: Sempre bem tratados, penteados e soltos.

PERFUME: Para não comprometer o cheiro único que cada mulher tem, somente desodorante sem odor. Perfumes e colônias nunca.

3. **A ESCRAVA DEVE MANTER AS PERNAS AFASTADAS E NUNCA CRUZÁ-LAS.**

Mesmo estando de saia curta e sem calcinha na rua, quando sentada ou deitada, a escrava deve manter as pernas sempre afastadas, o que representa um importante sinal de entrega e submissão.

4. **QUANDO TOCAR SUAS COXAS COM A MINHA MÃO, A ESCRAVA DEVE ENTREABRIR AINDA MAIS SUAS PERNAS.**
5. **NA MINHA PRESENÇA, A ESCRAVA DEVE SE MANTER DE VISTAS BAIXAS A MAIOR PARTE DO TEMPO, EM SINAL DE SUBMISSÃO.**

6. O SEXO DA ESCRAVA DEVE ESTAR SEMPRE CORRETA E DEVIDAMENTE DEPILADO.

Totalmente raspado, ou raspado do grelinho para baixo e, acima dele, com os pelos bem ralinhos.

7. QUANDO EU VIER POR TRÁS DA ESCRAVA E FIZER MENÇÃO DE BEIJAR OU TOCAR SEU CORPO, ESTEJAMOS ONDE ESTIVERMOS, ELA DEVERÁ IMEDIATAMENTE LEVANTAR OS CABELOS, DESDE A RAIZ E COM AS DUAS MÃOS, DEIXANDO SEU PESCOÇO TODO À MOSTRA E À MINHA DISPOSIÇÃO.

8. A ESCRAVA JAMAIS DEVE RECLAMAR OU SE LAMURIAR E SEMPRE QUE RECEBER UMA ORDEM DEVE RESPONDER “SIM, SENHOR” OU “SIM, MESTRE”.

9. SEMPRE QUE FOR SER CHICOTEADA, DEVE SE COLOCAR NA POSIÇÃO PRÓPRIA E, AO FINAL, AGRADECER.

A posição própria é em pé, com as ancas empinadas, corpo inclinado para frente e pernas afastadas. O agradecimento deve se limitar a um “obrigada, Mestre” se o chicoteamento tiver sido uma tortura, ou “perdão, Mestre”, se foi imposto como castigo.

10. SER IMEDIATA E CAPRICHOSA NO CUMPRIMENTO DAS ORDENS QUE RECEBER.

Se uma escrava reluta em obedecer uma ordem é porque está pensando e analisando se deve fazê-lo. Isso é inadmissível, porque uma escrava segura e confiante na coerência daquele que escolheu para seu Mestre e Dono não carece de questionar, analisar, nem muito menos protelar ou refutar ordens, devendo obedecê-las cega e prontamente, des preocupada inclusive com suas consequências e deixando nas mãos e na responsabilidade de seu Mestre e Dono a escolha das atitudes e dos caminhos a serem seguidos.



Capítulo 1

O Encontro

*“Uma escrava é como um diamante. Não se cria uma, apenas se descobre, se extrai e se lapida. E assim, aquela pedra preciosa em forma bruta, escondida e por vezes sufocada dentro da mulher do dia a dia, com a ajuda, experiência, caráter, paciência e sensibilidade daquele Mestre que se tornará seu Dono, surge e vai se transformando na mais fina e reluzente joia rara: a mais bela, completa, complexa e perfeita forma feminina de ser:
A escrava submissa.”*

FINALMENTE HAVIA CHEGADO O MOMENTO DE NOS ENCONTRARMOS. Já havíamos conversado à distância e trocado e-mails e mensagens suficientes para que você estivesse decidida a isso, totalmente segura e confiante em mim para ser seu Dono, bem como já conhecia detalhadamente e assumia a forma de comportamento de uma escrava, o que já tinha certeza que desejava ser.

No dia anterior eu havia lhe mandado um e-mail com instruções detalhadas de como deveria ser o encontro: você deveria ir a um shopping, devidamente vestida como escrava (vestido curto preto com fácil acesso pelas costas e sem calcinha nem sutiã, sandália aberta, sem meias, cabelos bem tratados e soltos, nenhuma joia ou bijuteria, somente desodorante sem cheiro e maquiada apenas levemente nos olhos). Lá chegando, deveria circular seguidamente por lojas e locais preestabelecidos em horários certos e já determinados. Não poderia atrasar nem se adiantar um só minuto. Era uma

verdadeira gincana. Você faria um *tour* pela garagem, pelas vitrines das lojas, pela praça de alimentação, sempre desfilando aquela roupa chamativa e sem saber exatamente onde me encontraria, nem como eu estaria vestido ou mesmo como eu era. A cada nova loja ou local, a cada momento, você sentiria diversos homens te observando e te desejando, sem saber se algum deles era eu, seu Mestre.

Isso porque você nunca havia me visto, nem mesmo por fotos. Mas pouco fazia diferença, pois o que importa num Mestre é que transmita a devota segurança e confiança que a escrava necessita e tenha o conhecimento, estilo e sensibilidade que o diferencie dos demais e seja aquilo que a escrava busca.

Bem antes do final da lista de locais e horários, estava um dos cinemas do shopping, onde você deveria entrar exatamente no horário marcado, após o início da sessão, e se sentar na poltrona marcada no ingresso que eu estava lhe enviando. Diferente do ordenado para os demais locais elencados na lista, você deveria permanecer ali, não por um determinado período de tempo, mas esperando instruções por celular ordenando que se encaminhe aos pontos seguintes do shopping, já preestabelecidos.

Você entra no cinema pontualmente, senta-se e fica esperando ansiosa. Começa a prestar atenção no filme, tentando relaxar; porém, depois de algum tempo, ouve alguém se aproximar e sentar na cadeira imediatamente atrás da sua.

Pensa se seria eu, e a demora e dúvida te causam uma incrível angústia. Passados alguns minutos, que mais pareceram horas, finalmente aquele estranho vem lentamente até o seu ouvido, por trás, e diz a senha que havia sido combinada. Você tem a confirmação de que era eu ali.

Seu coração dispara, mas você nem ousa se virar para trás. Abaixa os olhos e responde a contrassenha.

– Pronta para ser minha escrava? – Pergunto.

– Sim, Senhor. - Você responde segura e convicta de sua decisão, mas sem se virar, pois sabia que, sem autorização, não deveria tentar me olhar, por maior que fosse sua curiosidade.

– Está como te ordenei?

Você levanta lentamente a saia, mostrando estar sem calcinha, abaixando-a em seguida, envergonhada, pois haviam pessoas próximas, mas tão concentradas no filme, que nada percebem.

– Os cabelos! – Eu te lembro, sem recriminar.

Você os levanta e, desta forma, posso ver logo abaixo da sua nuca, do lado direito, a tatuagem com a minha inicial que você havia feito no dia anterior. Era uma tatuagem de henna, que sairia em poucos dias, com três centímetros de altura por um e meio de largura.

– Onde está seu carro? – pergunto.

Você me dá a posição exata dele no estacionamento e eu determino:

– Vou sair agora. Não olhe para trás e deixe passar três minutos exatos antes de sair também. Vá direto para o seu carro e sente-se ao volante. Deixe as portas destravadas e fique me esperando, pois irei te encontrar lá.

Eu saio. Você espera o tempo exato e faz o mesmo. A caminho da saída do shopping, um homem sozinho e encostado no balcão de uma lanchonete te encara fixamente. Você divaga se seria eu.

Chegando no estacionamento, você se dirige até seu carro. Destrava as portas, entra, senta e fica esperando... Esperando... Seus olhos se revezam no painel e no volante, pois não deveria olhar para fora do carro. Eu demoro e sua angústia aumenta.

De repente, você ouve a porta dianteira direita do carro se abrir. Eu entro e me sento ao seu lado. Você não resiste e, num reflexo, vira o rosto e me olha. Sinto que o que vê lhe agrada, mas rapidamente você esquiva o olhar e fixa-o no volante, amedrontada, pois, mesmo que instintivamente, havia feito algo proibido, e por isso eu lhe pergunto calmamente:

– Sabe que serás castigada, não? - Você abaixa a cabeça, concorda resignadamente e eu continuo - Falarei pela última vez: quer desistir?

Você não demora a negar convictamente, e eu ordeno que siga para o motel.

No caminho eu mando estacionar o carro ao lado de uma banca de jornal e ordeno que me compre uma revista de sexo das mais bizarras que encontrar. A banca ficava bem em frente a um botequim dos mais fuleiros, que naquele horário estava lotado. Você obedece minha ordem e os homens no botequim te olham sedentos e de forma inconveniente. Desviando o olhar, você entra na banca às pressas e se envergonha também com o jornaleiro que te fita de uma forma estranha.

Será que estava mesmo chamando tanto a atenção – você pensa - ou estava tão sem jeito naquela situação que se sentia observada e julgada?

Você se dirige até a prateleira de revistas eróticas, observa algumas e, com vergonha de tocar ou remexer nelas, apanha a que estava à frente e que lhe pareceu com temática BDSM, pois tinha uma mulher com roupa de couro na capa. Sem conseguir olhar nos olhos do jornaleiro, vai até ele com a revista tentando o máximo possível escondê-la. Ele, de propósito, apanha-a e remexe-a ostensivamente com a desculpa de procurar o preço. Você paga com a cédula que havia levado e ele demora com o troco. Nesta hora vê que alguém mais entrava na banca e, imaginando ser algum dos homens do botequim, seu coração dispara. Você estava quase desistindo de receber o troco, mas espera mais um pouco, apanha-o e sai rapidamente em direção ao carro, sem se atrever a olhar à sua volta. Vejo-a voltando em passos curtos, mas louca para sair correndo. Você entra no carro e, sem me olhar, entrega-me a revista na mão. Eu olho rapidamente e desdenho:

– Muito fraquinha. Quero algo mais bizarro, mais explícito. Volte lá e compre outra.

Você estremece e tenta implorar, em vão.

– OBEDEÇA, ESCRAVA! Ou vou mandá-la comprar algo no botequim também.

Antes que a ordem piorasse a tal ponto, você sai do carro apressada, sem encarar ninguém na rua, com as pernas tremendo e sua respiração ofegante. Fico observando-a entrar na banca sem nem conseguir olhar para o jornaleiro e escolher nervosamente uma outra revista. De repente, duas senhoras entram na banca e vejo você se desesperar de vergonha com a presença

delas, pegar qualquer revista, pagar, e o troco demorar mais uma vez. O jornalista já te olha com risos sutis enquanto você ouve murmurinhos no botiquim. Você pega a revista, que consegue esconder das senhoras, e volta quase correndo para o carro, me entregando a revista com olhar de clemência. Eu te dou um sorriso e ordeno que continue o caminho para o motel. Você obedece e arranca rápido com o carro, aliviada.

Ao parar num semáforo adiante, eu coloco levemente a mão na sua coxa, bem acima do joelho e quase na altura de onde terminava o vestido. Você imediatamente entreabre mais as pernas, se oferecendo. Sinto que está mais calma e, então, vou subindo com as mãos por suas coxas entreabertas e descobrindo com o dedo mindinho o seu sexo desnudo. Você se mantém imóvel, com as mãos nas laterais do banco. Nem cogita proteger seu sexo que, àquela hora, já me pertencia. Descobre naquela hora como era estar totalmente à minha disposição em qualquer lugar e a qualquer hora, desprotegida e devassada, submissa e entregue. O semáforo abre. Seguimos viagem e eu retiro a mão para deixá-la dirigir mais tranquila.

Chegando ao motel, mais uma vez você se envergonha, agora por ter que pedir a chave ao porteiro. Entramos na garagem (pelo menos tinha garagem privativa – consola-se), você desliga o carro, permanecendo sentada e imóvel, com as vistas baixas e à espera de minhas ordens. Antes de sair, eu mando que coloque as mãos às costas e prenda-as, uma na outra, com uma aljava de metal estilo policial. Saio do carro e fecho a porta da garagem, dando-lhe uma boa oportunidade de me ver melhor. Venho até sua porta, abro-a e mando que saia, o que você faz com dificuldade por estar presa. Eu apanho a sacola que havia deixado no banco traseiro e vou em direção às escadas que levam à porta do apartamento que ficava no andar superior. Você as sobe me seguindo, sempre de vistas baixas, calada e resignada.

Chegando ao apartamento, ainda na antessala, tiro a aljava e ordeno que se ajoelhe à minha frente, para o “ritual da coleira”, que é uma cena importante a ser sempre repetida no início de cada sessão, pois é um momento mágico para ambos, onde a escrava reitera formalmente sua entrega e seus votos de dedicação e obediência ao seu Mestre e Dono.

Nele você se ajoelha à minha frente e levanta todo o cabelo com as duas mãos para que eu coloque a coleira de couro preta e grossa de sessão. Como é uma honra para a escrava portar a coleira de seu Dono (pois ela tem no BDSM o mesmo simbolismo da aliança no matrimônio), você agradece sem frases prontas, demonstrando de improviso sincero todo o seu orgulho em recebê-la e portá-la. Em seguida, oferece os pulsos para que eu coloque as algemas, não devendo agradecê-las, e espera que eu entregue as tornozelas para que você mesma as coloque (pois o Mestre não vai se abaixar diante da escrava para isso). Neste momento você também aproveita para, por ordem minha, descalçar sua sandália.

Terminado o ritual, você se mantém ajoelhada e calada. Eu prendo uma guia de corrente à sua coleira e puxo-a por ela para que se levante, te guiando até o quarto. Lá chegando, te coloco de frente ao espelho, venho por trás e deço as alças de seu vestido, lentamente. Ele cai, acariciando e desnudando todo o seu corpo. Você se retrai um pouco, envergonhada, pois começara a sua completa exposição a mim. Você se manteria ali, de frente para o espelho, parada com as mãos na cabeça e totalmente nua. E eu, inteiramente vestido, apenas a apreciava minuciosamente, sem sequer tocá-la. Dava voltas em torno de você, me sentava, apreciava, fazia caras e gestos de agrado, surpresa, curiosidade e até mesmo de contestação. Você nada falava ou fazia. Mantinha-se imóvel ao máximo para tentar abrandar toda a sua vergonha, que aos poucos vai se transformando numa gostosa excitação. Naquele momento eu também não fazia qualquer comentário, só observava.

Para dificultar as coisas, eu começo a ordenar que fique em posições diferentes. Você obedece prontamente a cada uma delas: levanta os cabelos, entreabre mais as pernas, espalma as mãos no espelho, empina o bumbum, ajoelha-se, fica de quatro... O tempo vai passando e você fica ali, cada vez mais exposta, sem sequer ser tocada ou receber um comentário meu, oferecendo-se toda e se sentindo por vezes quase que rejeitada. Parecia uma mercadoria exposta implorando para ser aceita. Não sabia como, mas uma intensa excitação cresce a cada momento com tudo aquilo. A vergonha já havia sumido quase totalmente e apenas a ânsia de ser tocada se misturava ao calor do seu desejo.

Porém, diante daquele maravilhoso visual do seu corpo totalmente nu e à minha disposição, em pé, ali na minha frente e em duplicidade com o espelho, ficava difícil resistir por mais tempo. Eu, então, venho pelas suas costas e seguro sua cintura, puxando suas ancas de encontro ao meu corpo. Você se distrai com o inesperado e com o calor que sai de suas entranhas pelo meu toque, mas um forte tapa no seu quadril direito a lembra de levantar os cabelos. Eu começo a passear pelo seu pescoço com minha língua, enquanto te puxo mais forte de encontro a mim. Você já podia sentir em seu bumbum o meu sexo forçando a calça, quando dou algumas leves mordidas com os lábios, e também com os dentes, no seu pescoço e ombros, penetrando seu ouvido com minha língua. Seu corpo, sensibilizado com a exposição demorada que enfrentou, se estremece totalmente a cada toque. Pego-a pela guia, bem junto à coleira, te virando de frente para mim, e, com o dedo no seu queixo, levanto suavemente seu rosto para que possa me olhar. Dou um sorriso, como que dizendo “Estou gostando de você” e você também sorri levemente, orgulhosa e feliz. Aponto para o chão e ordeno que fique de quatro.

Todas as ordens eram dadas num tom firme, porém, sem gritos, grosseiras ou prepotência. Isso porque um Mestre não precisa gritar, pois o seu poder está na sua personalidade, caráter e na confiança, desejo e entrega de sua escrava, nunca na coação grosseira de um grito.

Você obedece imediatamente e eu te puxo pela guia para que me acompanhe de quatro até a antessala de entrada, onde te coloco de joelhos e com o corpo curvado, prendendo suas mãos às costas e a guia da coleira aos pés da mesa, deixando-a nua e indefesa.

– Vou até o quarto, prepará-lo para nossa sessão. – Digo. Pois como era um motel comum, fazia-se necessário preparar o quarto para uma sessão BDSM: colocar as correntes, prendê-las aos pés da cama, arrumar os equipamentos, etc.

Saio e encosto a porta que faz divisa entre a antessala e o quarto. Você permanece ali calada, esperando. Ouve o barulho de correntes e outros mais que não consegue identificar. Num certo momento, vou até o telefone e peço dois Martinis, uma cerveja e um balde de gelo. De início você nem

raciocina, mas depois se apavora com o que estava prestes a acontecer: o garçom viria servir as bebidas na antessala e te veria ali, daquele jeito: nua, de coleira, acorrentada e de joelhos!

– Mestre, por favor, me tire daqui! – Você implora desesperada.

Eu apenas te respondia:

– CALADA! Vai ficar aí até eu ir te buscar.

Você ouve a garagem se abrir e conclui que o garçom estava chegando. Implora mais uma vez, desesperada, e eu apareço na porta do quarto e ordeno de novo que se cale. Por um instante você pensa em desistir, gritar, qualquer coisa, mas não queria deixar de ser escrava e por isso pensa: “Tenho que obedecer, aceitar e confiar!”. Mas ouve o garçom chegando... Os passos... E se retrai toda, escondendo parcialmente o rosto e tentando inutilmente encobrir um pouco da sua nudez. Onde eu estaria? – Você pensa - não dava mais tempo de eu te soltar!... O garçom toca a campainha – como de praxe – e espera um pouco antes de entrar em seguida. A maçaneta começa a girar, e...

...

!!!!!!!!!!!!!!

...

Eu chego à salinha ao mesmo tempo em que o garçom acaba de girar a maçaneta e não consegue abrir a porta, porque eu a havia trancado quando chegamos, sem que você percebesse. Eu te solto rapidamente e aponto para o quarto, ordenando em silêncio que entre lá. Você obedece correndo, aliviada, mas ainda muito assustada com a angústia por qual passara. Fica ali dentro, de pé próxima à porta, não se atrevendo a ter nenhuma iniciativa, mas podendo observar imóvel o que eu havia arrumado no quarto. Na cama, correntes fortes presas em cada um dos pés e jogadas sobre o colchão, além de outras duas no meio da cama, em cima e embaixo. Uma corrente mais grossa pendia do teto e nas duas colunas paralelas no centro do quarto haviam correntes presas no alto e outras próximas ao chão. Num aparador, ao lado da cama, estavam arrumados vários apetrechos. Você reconhece chicotes, vendas, velas, vibradores de vários tipos e tamanhos, correntes e outros apetrechos que não consegue identificar. Eu retorno ao quarto me sento na

poltrona, coloco os pés no pufe e te ordeno que me sirva uma cerveja. Você vai até a antessala, serve-a no copo, retorna até minha frente e, como eu havia te ensinado, se ajoelha e me oferece o copo segurando-o com as duas mãos e esticando os braços, de vistas baixas.

Apanho o copo, mando que se levante à minha frente e coloque as mãos na cabeça, afastando bem as pernas. Você obedece, mas ainda enrubesce com aquilo. Deixo-a assim por algum tempo, ignorando-a enquanto saboreio a bebida. Em seguida, mais uma vez, vou determinando que fique em várias posições: de costas com o bumbum empinado, de quatro, de frente para o espelho, curvada, entre outras. Desta vez vou tecendo pequenos comentários do que vou apreciando e, em dado momento, mando que ligue o som e dance sensualmente para mim. Você tem medo de “se travar” naquela hora, mas isso não acontece. Obedece, se exibindo e se desinibindo, até que mando parar e vir até mim de quatro, tirar meus sapatos e meias e colocá-los arrumadinhos no canto do quarto. Depois, mando que fique ao meu lado com as pernas bem afastadas e comento que seus pelos não estão como devem ser.

Você já sabia o que fazer naquela hora e assim, doce e resignadamente, pede que eu te depile a meu gosto.

Eu me levanto e venho te puxando pela guia da coleira até a antessala. Ordeno que se deite na mesa, de barriga para cima e com as pernas dobradas e bem afastadas. As mãos deveriam permanecer para cima sem sequer serem presas. Mas quando seu corpo quente toca a mesa de fórmica fria, você tem um choque e instintivamente fecha um pouco as pernas. Sente imediatamente um forte tapa na lateral de sua nádega esquerda e ouve eu te ordenar que arreganhe as pernas. Você obedece rapidamente, assustada com o calor do tapa, ficando ali deitada e totalmente nua, com as mãos para cima e se oferecendo com as pernas bem arreganhadas para um homem que acabara de conhecer pessoalmente e que sequer havia tirado a própria roupa.

Eu estava entre suas pernas e tinha uma completa visão e acesso a seu púbis. Começo, então, a te depilar a meu gosto, lentamente. Não havia te prendido para que o gesto de entrega fosse voluntário física e psicologicamente. Eu apreciava a retirada de cada pelinho, inicialmente cortando-os

com uma tesoura pequena e desnudando cada detalhe daquela parte de seu corpo. Você começa a se excitar, observo, pois podia sentir sua perna tremer e ver você mordendo os lábios.

Terminada a depilação, determino que, a partir de então, será sua obrigação manter seus pelos da forma como deixei.

Aprecio-a mais um pouco ali, antes de levá-la de volta ao quarto e prender suas mãos para cima, na corrente que pende do teto (estes movimentos de prender e soltar mãos e pés são rápidos, porque nas algemas e tornozeleiras existem *clips* próprios para isso, parecidos com chaveiros de prender no cinto).

Vou até o aparador e pego uma venda com a qual cubro seus olhos. A partir daí você se sente ainda mais indefesa e vulnerável. Apanho um prendedor de cabelos e os prendo para cima, a fim de deixar seu pescoço e ouvidos descobertos e acessíveis. Afinal, com as mãos presas, não poderia cumprir a regra de levantar os cabelos.

Começo, então, a tocar seu corpo suavemente com a ponta dos meus dedos. Passo-as carinhosamente pelas suas costas, pela sua cintura, pelas laterais do seu corpo quase nos seios, em seu pescoço. Passeio com eles em movimentos aleatórios, suaves e carinhosos. Você se arrepia toda! Vou até o seu bumbum com a pontinha dos dedos, bem de leve. Desço pelas suas coxas - uma mão em cada lado - até os joelhos por trás e subo pelas laterais do seu corpo até chegar aos braços. Você não imaginava o quanto seu corpo era sensível, até mesmo nos antebraços, e se contorce de prazer, começando a se debater nas correntes... Eu venho por trás e começo a lambar suas costas com a ponta da língua, de baixo para cima, primeiramente do reguinho do bumbum até a raiz dos seus cabelos e em seguida nos lados do pescoço. Abraço-a, passeando as mãos pela sua barriga e púbis, ao mesmo tempo em que minha língua toca levemente cada pelinho da raiz de seus cabelos, até finalmente penetrar seu ouvido, enquanto minhas duas mãos chegam aos seus seios, uma em cada um, primeiro levemente, depois cada vez mais forte, sentindo o volume e formato deles.

- Rebole, escrava! - Ordeno.

Você obedece, pressionando seu bumbum contra meu membro, que consegue sentir cada vez mais. Uma das minhas mãos desce de seus seios pela barriga até alcançar o seu sexo, primeiramente em volta dele, depois começando a dedilhar o seu grelinho. Você geme. Sinto sua respiração aumentar cada vez mais, enquanto contorno sua orelha com minha língua, minha mão esquerda acaricia seus seios e a direita continua te dedilhando. Você rebola mais desinibida e sedenta, tentando me seduzir para receber ainda mais carícias. A única parte livre para se movimentar de seu corpo era o seu bumbum que você usa para tentar me excitar, pressionando-o contra meu sexo e rebolando como eu havia ordenado. Você começa a gemer cada vez mais alto e eu, então, desço a ponta do dedo pelos seus grandes lábios, lentamente, sentindo todo o desenho do seu sexo e, com um dos dedos, penetro-o já totalmente umedecido. Começo a vasculhá-lo em seu interior, à procura de seu ponto G, enquanto minha língua percorre todo o seu pescoço e o indicador de minha mão esquerda circunda seu mamilo. Não demora muito para que, pelos urros e pelo calor do líquido que escorre do seu sexo, eu sinta que deu sua primeira gozada. Você se alivia. Sinto-a soltando seu corpo e deixando-o se dependurar pelas correntes, como quem desfalece. Sua respiração se abranda, como quem imagina que havia chegado ao fim de seu êxtase. Mas era um delicioso engano. Eu não pretendia parar por ali. Faço movimentos ainda mais fortes com o dedo dentro de você e com o polegar dedilho seu grelinho. Aperto-a de encontro a mim e te dou uma gostosa lambida nas costas, recomeçando pelo rego do seu bumbum e passeando com ela pela parte superior de suas costas, em volta da tatuagem. Vou com meu dedo indicador da mão esquerda até sua boca e ordeno que o lamba, umedecendo-o para continuar a circundar seus mamilos. Você recomeça seu êxtase com um tesão ainda mais intenso!

Ao sentir seu prazer aumentando, e antes que você gozasse mais uma vez, vou até seus ouvidos e pergunto:

– Lembra-se que me olhou no carro? - Você estremece. Sua respiração de tesão mistura-se com outra de angústia. - Merece ser devidamente castigada. – determino, sussurrando em seu ouvido e continuando a te tocar, fazendo com que seu prazer se misture à expectativa do que viria.

– S-s-sim, Mestre. – Você balbucia, receosa.

Mas não vou me prender ao ato de castigá-la. O que quero agora é que descubra suas sensações com a dor. Mesmo porque, não preciso da desculpa de um castigo para chicoteá-la, o que posso fazer como tortura a hora que eu quiser e sem qualquer motivo, senão o prazer com isso. – lembro.

Eu retiro meu dedo e seu longo prazer dá lugar a uma grande expectativa. Você me sente afastando e pegando algo que inutilmente tenta identificar. Sente e ouve passos, movimentos e gestos, mas era inútil tentar decifrar o que acontecia ao seu redor, pois, assim vendada, só lhe cabia esperar o que viria a seguir e confiar em mim, seu Mestre. Você sabia que era chegada a hora de sentir o que é ser chicoteada e, fora os tapinhas que recebera, aquele seria seu primeiro contato real com a dor no BDSM, o que a deixa receosa se conseguirá suportar; porém, a escrava deve confiar na sensibilidade daquele a quem entrega sua submissão, sentindo-se o máximo segura em suas mãos, ou então, ainda não é hora de pertencer a ele. E você tinha esta confiança, pois sabia da minha ideia de que o primeiro *spanking* é um momento único para toda escrava e por isso é necessário ao Mestre ter sensibilidade, calma e cumplicidade para não se deixar levar pela empolgação neste momento e se preocupar, acima de tudo, em descobrir a resistência e resposta de sua nova escrava àquele ato.

Eu, então, vou até perto de você e te agarro pela parte superior dos cabelos, puxando sua cabeça para trás e dizendo em seu ouvido:

– Como é sua primeira surra, lhe darei a mordomia de senti-la com prazer. Mas será só desta vez! E também quero que assistas ao seu próprio suplício.

Dizendo isso, tiro-lhe a venda e, após alguns segundos com a visão turva, você vê que eu seguro algo nas mãos e se assusta. Mas eu te alivio, sorrindo e dizendo:

– Este não é um aparelho de tortura, minha escrava, é o “de prazer”. Aproveite!

Eu me abaixo e ordeno que levante a perna. Naquela hora você pode observar melhor o aparelho: era um vibrador no formato de borboleta, com

controle remoto. Das “asas da borboleta” saíam tiras que serviam para enlascar suas coxas. Este tipo de vibrador, com intensidade controlável, fica do lado de fora do seu sexo, como se a borboleta pousasse nele, excitando loucamente o grelinho.

Obedecendo, você levanta uma, depois a outra perna, deixando passar as tiras que prendem o aparelho. Eu o encosto em seu sexo, que abro com os dedos para que a borboleta paire bem dentro dos lábios. Puxo as tiras como um biquíni fio-dental até quase sua cintura, pressionando o aparelho contra seu sexo. Afasto-me e ligo-o na intensidade mínima. Você sente aquele tremor delicioso e sutil em sua xotinha e suspira deliciada. Aos poucos se concentra mais e mais naquela sensação inédita e maravilhosa e não repara que apanho um longo chicote de tiras de couro pretas, tipo *flog*, ordenando-a que se coloque na posição oficial de uma escrava ser chicoteada.

– Venha com seus pés o máximo para trás e empine a bunda, permanecendo imóvel nesta posição durante todo o açoite. Não fuja das chicotadas, não tente se resguardar delas e nada de escândalo. Odeio escrava escandalosa. – Você obedece e eu completo: – Quero que conte cada uma das lambadas. Isso será somente desta vez, por ser seu primeiro spanking, pois quero pela sua voz ir sentindo suas sensações.

Eu ainda te puxo pelo quadril um pouco mais para trás e, antes que você pudesse se ajeitar melhor...

SLLAAAAPPPPTTTTT!!!!

Você acorda da sensação gostosa do vibrador com uma forte chicotada que pega o alto de suas duas nádegas, ao mesmo tempo concentrando mais a dor na da direita, que arde fortemente. Seguindo-se ao “ai” de susto e de dor, você obedece à ordem que lhe havia sido dada e, concentrada, conta em alto e bom tom: “Uma, Senhor!”

Porém, como reflexo contra a dor, você retrai seu bumbum, saindo da posição correta que eu havia determinado.

– Bumbum empinado! – Reprendo. Você volta rapidamente à posição. Vou até você e, pelos cabelos, puxo sua cabeça para trás, fito seu rosto e completo - Mantenha-se sempre assim para apanhar!

Eu me afasto e a segunda chicotada demora. Você não pode me ver direito, pois está de frente para a parede, e a demora faz com que sua sensação vá lentamente saindo do forte ardor nas nádegas, provocado pela chicotada, para aquela de prazer no sexo, causado pelo vibro de borboleta que permanecia ligado.

SLLAAPPPTTTT!!!!... SLAAAPPPTTTT!!! Duas chicotadas seguidas, bem mais fortes que a primeira, pegam entre o bumbum e as costas, quase no mesmo lugar, duplicando com isso a dor...

- Aiiii!!! Duas, Senhor... Três, Senhor. – Você conta, enquanto sente que eu aumento um pouco a intensidade do vibrador. Mas antes que sua atenção retorne ao tesão provocado por ele, mais uma forte chicotada lhe atinge a pele, desta vez nas costas e pegando a lateral do seio direito. Você pula na ponta dos pés com a dor, saindo da posição com este reflexo, mas retornando imediatamente e contando: - Quatro, Senhor.

As chicotadas continuam, comigo sempre observando seu tom de voz na contagem, para evitar chegar e ultrapassar o seu limite, e variando o local atingido. Assim, a dor começava a se espalhar por uma área maior de seu corpo, o que era melhor, pois a dor é bem mais intensa quando o chicote atinge o mesmo local de uma chicotada anterior.

Eu aumento ainda mais a intensidade do vibrador, o que aos poucos vai fazendo com que a dor e o prazer se misturem e se transformem numa única sensação dentro de você. Era um doce tormento... Você gemia, sem saber mais se de dor ou de prazer, mas acredita que ainda não chegava a sentir prazer puramente pela dor e que o vibro é que ajudava a mesclar as sensações.

SLAAAAAAAAAPPPTTTTTT!!!! - “Doze! Piedade, Mestre!”

Você não sabe se pela dor que se espalha ferozmente pelo seu corpo ou simplesmente por puro charminho, implora para que eu pare. Não era uma *safeword* (uma palavra ou gesto pré-acordado que, quando proferida ou feito pela escrava, significa que ela extrapolou seu limite de dor e assim o Mestre deve respeitar e parar imediatamente a tortura ou castigo). Nossa *safeword* é “clemência”, não “piedade”, palavra que deixei para que pudesse ser falada livre e inutilmente. Além disso, pelo seu tom de voz, pude perceber que

estavas ainda bem aquém de seus limites. E estava certo. Desfiro mais três chicotadas fortes e seguidas antes de parar, ir até você por trás, sem nada dizer, e com a mão esquerda agarrar seu seio e com a direita apertar fortemente as partes de seu corpo que havia açoitado. Aquilo doía, pois a pele dolorida e avermelhada, em alguns pontos até levemente levantada e roxeada, estava já extremamente dolorida.

– Piedade? – Eu te pergunto. - Isso é manha. E escrava minha não tem vez para ser manhosa.

Você que já estava se deliciando apenas com a borboleta que em nenhum momento deixara de vibrar em seu sexo, sussurra dengosamente, tentando me convencer com sua doçura: “Por favor, Meeesssstre...”

Na mesma hora me surge uma ideia, que seria mais proveitosa que simplesmente açoité-la mais, me arriscando a realmente atingir o seu limite:

– Quer piedade, não é? - você confirma e eu te solto das correntes, retiro o vibro de borboleta e ordeno: - De quatro! Vá até o aparador e me apanhe o chicote de cavalaria, com a boca, como faz uma boa cadelinha, e traga-o para mim.

Você obedece e, com uma certa dificuldade, apanha o chicote (do tipo usado por jóqueis) e volta até mim, lentamente. Era uma bela cena: você no chão, de quatro, com o chicote de cavalaria seguro perpendicularmente pela sua boca.

Eu apanho o chicote e ordeno que tire minha calça. Você sorri e, lenta e sensualmente, abre meu cinto e desabotoa minha calça, sempre fixando seus olhos no volume de meu sexo e com um ar sedento e desejoso. Abaixa-a com as duas mãos até meus pés e eu ordeno que tire também a cueca. Você fixa o olhar nela, da uma suspirada e, segurando com a ponta dos dedos pelas laterais, a abaixa até meus pés. Seu rosto segue os movimentos até lá e sobe em seguida, timidamente, até se deparar com o meu sexo ali, bem diante do seu rosto, e com minha ordem para chupá-lo.

Você se esquivava instintivamente e, por isso, recebe um forte tapa no rosto, desprendendo-a dos pudores e levando-a a prontamente tentar obedecer sua ordem do melhor jeito que sabia e podia.

Após me deliciar por alguns minutos, puxo-a pela guia e mando que suba na cama de quatro, enquanto vou açoitando de leve o seu bumbum com o chicote de cavalaria, orientando, como um domador, o seu caminho e movimentos. Ordeno que deite de barriga para cima e estique bem os braços e pernas em X. Prendo cada um deles a cada uma das quatro correntes que vinham dos pés da cama.

Vou até a antessala, deixando que você admire seu corpo nu, bem esticado em X, refletindo no espelho do teto. Volto com o copo de Martini, pego sua azeitona e coloco-a no seu umbigo. Do copo até ele, ela vem pingando a bebida gelada pela sua barriga. Você se retrai e eu lambo lentamente com minha língua quente cada um dos pingos que escorriam em seu corpo, sentindo seus suspiros e arrepios de tesão. Em seguida paro, me levanto e aponto para a azeitona, determinando:

- Não deve deixá-la cair, de jeito nenhum, senão serás severamente castigada! - observando seu olhar de interrogação, continuo: - Pingarei cera quente de vela em todo seu corpo se deixar isso acontecer!

Você se assusta, pois sabia ser aquela uma tortura bastante dolorosa; porém, você se tranquiliza ao pensar que para não sofrê-la, bastava não deixar cair a azeitona, o que lhe parecia fácil. Mas estava enganada.

Eu mais uma vez coloco-lhe a venda para que não possa ver quando nem onde tocarei seu corpo. Passado algum tempo, você sente eu começando a te tocar, iniciando nos pezinhos: beijo cada dedinho, chupo o dedão e dou uma lambida bem no meio da sola que a faz tremer toda, enquanto ao mesmo tempo vou passando a ponta dos dedos pela sua perna. Você delira! Vou subindo pela sua perna, lambendo carinhosamente cada pedacinho dela, sem pressa e bem com a pontinha da língua, para que o toque seja ainda mais sensível. A mão continua acariciando com a ponta dos dedos a outra perna. Chego ao seu joelho e lambo sua parte interna e bem sensível. Você treme e se debate, mas logo para ao se lembrar da azeitona.

Estática, você sente um líquido gelado sendo derramado sobre sua coxa esquerda: era o Martini. Mas minha língua quente logo secaria a bebida que escorre no interior da sua coxa, vasculhando em seguida cada saboroso

pedacinho dela, enquanto a mão passeia pelo interior da outra coxa. Cada vez fica mais difícil conter os tremores de tesão, os suspiros, os gemidos e os urros. Mas você não se esquece dela: Da azeitona! A maldita azeitona! Por causa dela tem que controlar as reações ao tesão, o que faz com que ele aumente ainda mais.

Eu vou subindo lentamente com minha língua e mão. Você geme, trinca os dentes de tesão e chega a gritar, mas sempre deixando o corpo imóvel para que a azeitona sequer balance em seu umbigo. Era alucinante! Eu já estava quase no seu sexo, quando passo minha língua entre ele e a coxa, contornando por cima do seu grelhinho e, “desviando”, passo para o outro lado... Você grita e a azeitona pula no seu umbigo, mas se mantém nele. Você tenta poder mexer e tremer todo o corpo, menos a barriga, mas era impossível. Estava cada vez mais difícil evitar o castigo. A essa altura você tinha que deixar seu corpo imóvel e oferecido, controlando qualquer reação de esquivo, pois era exatamente este o objetivo da azeitona: treiná-la para poder ser tocada sem qualquer reação instintiva de reserva ou recusa.

Eu, então, derramo Martini sobre a outra coxa e vou me deliciando com cada gotinha, descendo com a língua até o joelho e depois voltando e subindo novamente, até quase chegar em seu sexo, o que faço repetidas vezes, sempre voltando ou desviando dele. Fico lambendo sua virilha, entre a coxa e seu sexo, cada lado de uma vez. Você delira e a azeitona vai pulando cada vez mais! Eu passo a ponta da língua bem forte no seu grelhinho, fazendo você urrar, gritar e estremecer mais. Venho até embaixo do seu sexo e subo com a língua por entre os pequenos lábios até encontrar novamente seu grelhinho, que chupo forte e demoradamente, enquanto passo a ponta dos meus dedos em cada uma das suas coxas. Extasiada, você tenta desesperadamente se manter parada, mas é cada vez mais impossível. Eu desço minha língua por entre seus grandes lábios e penetro seu sexo com a ponta dela o mais fundo possível. Você tem um espasmo e estremece totalmente!

“Dane-se a azeitona” – pensa. Pois não conseguindo mais controlar toda aquela sensação e se contorcendo toda de tesão, você dá finalmente um forte pulo, como num choque elétrico, fazendo a azeitona voar longe!

Apesar da ordem que havia te dado, naquele momento eu ignoro o “voo” da azeitona. Afinal, ela já havia cumprido o seu papel. Você, ignorando-a também e agora livre nos movimentos, começa a rebolar seu sexo contra minha boca alucinadamente, até que eu sinto-a gozar loucamente e posso então me deliciar com o néctar saboroso que jorra de seu sexo.

Mas eu continuo a lambê-la fortemente, passando a ponta da língua nas suas coxas, subindo pela lateral do seu corpo, beijando seus seios e mordiscando sua barriga. Sem a azeitona para controlar suas reações e sensações, você vai se debatendo, tremendo e gozando em série, ininterruptamente. Eu, então, me sento entre suas coxas e me delicio em chicotear levemente o interior delas, enquanto dedilho seu sexo. Você nem sente a dor das chicotadas que naquela situação tornara-se sensual e excitante.

Mas de repente, tudo para. Diante do silêncio e sem sentir qualquer movimento meu, ressurgiu a angústia, apesar do tesão ser ainda forte e presente. Você me ouviu ir até o aparador e pegar algo. “O que seria?” – Se perguntada angustiada sem nada poder ver. Você me sente subir na cama e ficar de pé acima de seu corpo com cada um de meus pés em cada lado de sua cintura. Ouve um isqueiro acender e conclui: receberia agora o seu castigo por ter deixado cair a azeitona: a tortura da cera quente de vela!

Era grande a expectativa pela sensação que sentiria. Você lembra o que eu havia dito em nossas conversas preliminares: que um Mestre experiente sabe como fazer a tortura da cera quente de vela sem machucar ou ferir, para isso bastando observar alguns cuidados: como pingar a cera do mais alto possível, não virá-la de cabeça para baixo, voltá-la à posição vertical a cada pingo e desprezar a primeira cera, em especial aquela vinda do cone superior.

Você podia reparar que eu a pingaria de bem alto, o que já a tranquiliza. Poderia sentir muita dor, mas não ficaria ferida (o que é sempre a maior preocupação da escrava). Você confiava cegamente em mim, mas não sabia o que sentiria com a tortura. Seria aquela dor suportável? Pior que a do chicote?... A demora parecia decorrer em horas. Eu estava deixando a vela bem acesa e desprezando os primeiros pingos no lençol a seu lado.

– Hora do seu castigo, escrava! – anuncio.

Não demora muito mais até sentir algo tocando sua pele. Era o primeiro pingo que caía em seu corpo! Você nada sente de imediato, porém, aos poucos, o ardor vai aumentando, aumentando e aumentando, até se transformar numa forte e concentrada dor.

- Aaaiiiiiiii!!! - Você não resiste, geme e trinca os dentes. Vai sentindo, então, o ardor passar lentamente, dando lugar à cera já petrificada e colada no seu corpo. Eu deixo você sentir cada sensação e evolução que se desenrola com aquele único pingo e pergunto cínico se estava gostando. Você pensa o que deveria responder. Era difícil e por isso você opta por responder o óbvio:

- Dói, Mestre.

Eu dou um sorriso irônico e respondo:

- É para doer mesmo, minha escrava.

Mais pingos caem sobre seu corpo, em intervalos cada vez menores. Você vai se contorcendo de dor, mordendo os lábios, gemendo e tremendo o corpo a cada um deles. Os pingos vão se espalhando por todo o seu corpo e, ao contrário das chicotadas, a cera quente de vela quando cai no mesmo lugar é menos dolorosa, pois a cera petrificada colada em seu corpo protege a pele da nova cera quente que vem a seguir. Mas concluí que o pior pingo havia sido o primeiro. Seria pela expectativa? Pelo desconhecido? Não sabe responder. Vai sentindo cada pingo se petrificando no seu corpo e repara que à medida que eles endurecem e colam, a dor vai passando. Eu te testo, perguntando quantos pingos mais ainda suportaria e você não pensa muito antes de responder que quantos mais eu desejasse. Mesmo assim, eu não demoro muito até encerrar o castigo.

Retorno ao aparador, o que sempre te deixa ansiosa por saber qual a próxima novidade. Você escuta eu apanhar algumas coisas e vir sentar entre suas pernas. Ouve um barulho de spray, assustando-se e retraindo-se, porque não sabia se sentiria dor ou prazer com ele. Sente, então, algo se espalhando em seu sexo depilado. Era algo melado, úmido e gelado. Você espera por alguns instantes para ver se, como com a vela, não começaria a sentir uma dor crescente. Mas eu interrompo sua expectativa:

– É chantilly, minha escrava, para te saborear melhor.

Depois de aliviá-la com a frase carinhosa, me jogo de boca em seu sexo, saboreando todo aquele creme. Você volta a delirar de tesão sem nem se lembrar da dor provocada pela vela, apenas sentindo ainda as ceras petrificadas descolando aos poucos do seu corpo.

Após senti-la gozar mais uma vez, subo pela sua barriga, lambendo-a todinha e driblando os pingos de cera. Derramo o Martini nela e vou me deliciando. Chego aos seus seios e saboreio cada um deles: primeiro o da esquerda, aonde vou passando a ponta da língua em volta do biquinho do mamilo em movimentos circulares cada vez menores até alcançá-lo, depois o direito, intercalando-os e dando também longas lambidas no “vale” entre eles. Você se delicia com todo aquele carinho... Subo com a língua até seu pescoço e nesta hora meu membro rijo encosta-se na sua xotinha encharcada de tanto desejo. Você chega a estremecer e suas pernas começam a ficar dormentes. Só então você sente que eu havia soltado seus pés e não resiste: dobra suas pernas, se colocando em posição para tentar morder meu sexo com o seu, empurrando-o de encontro ao meu corpo. Com ele ali, bem aberto, posso ir te penetrando lentamente... Você vai sentindo cada pedacinho do meu membro entrando em você... Quando acabo de penetrá-la totalmente, vou começando o vaivém com movimentos lentos. Nesta hora, vou com minha língua até seu pescoço e fico lambendo-o todo, enquanto te possuo cada vez mais rápido e forte. Minha língua penetra seu ouvido e você delira, grita, geme, urra e se debate. Já perdera a conta de quantas gozadas ia dando seguidamente... Eu dou meu dedo para que possa ir chupando e lambendo enquanto te fodo gostoso. Você lambe a palma da minha mão com a ponta da língua, sensualmente, e coloca todo meu polegar em sua boca para sugá-lo freneticamente. Aquele louco movimento de vaivém vai te esquentando cada vez mais e você já se contorce toda a cada gozada. Já se passavam mais de 10 minutos de penetração e eu começo a transpirar. Com a mão que você lambia, te dou um tapa no rosto, ordenando:

– Lamba meu corpo, escrava.

Você começa a lamber meu pescoço, meu braço e meu tórax suado. Vai sentindo meu cheiro, meu gosto e meu suor salgado, enquanto meu membro te enlouquece toda lá embaixo. Ofegante e extasiada, em dado momento você para um pouco de lamber, recebendo logo mais um forte bofetão que a faz voltar imediatamente a cumprir a ordem que lhe fora dada. Mais algumas lambidas e eu te seguro firme pelos cabelos, puxando sua cabeça para trás, a fim de deixar seu ouvido bem à vista e nele murmuro:

– Vou gozar na sua boca.

Você inicialmente se envergonha e se retrai, mas em seguida pensa porque haveria de negar se já eras toda minha e sabia daquela minha praxe?

– Sim, Mestre, por favor. – Você responde.

Eu, então, retiro meu membro de seu sexo, subo com ele até o seu rosto e coloco-o em sua boca. Você o chupa forte, em movimentos rápidos para cima e para baixo. Dou dois tapas em seu rosto e determino que o toque com a ponta da língua. Você obedece e tira a língua para fora, começando a lamber a glândula, enquanto eu me masturbo.

Me sente cada vez mais ofegante e excitado até que meu líquido quente e amargo encharca sua boca e seu rosto, respingando em seus cabelos. Passados alguns segundos do meu êxtase, mais um tapa acompanhava a ordem de lamber tudo e você começa a tentar limpar meu membro com sua boca.

Em seguida eu desfaleço na cama ao seu lado, exausto e satisfeito. Você não sabe o que fazer ali presa, com seu sexo encharcado e seu rosto, boca e cabelos todos lambuzados pelo meu líquido viscoso e quente. Mas fica resignada, realizada e quietinha. Não se atreve a falar nada, muito menos a reclamar daquele seu desconforto que aumentava. Após algum tempo, você sente eu te soltar e tirar a venda que também estava toda lambuzada e ordenar:

– Vá até o banheiro, lave o rosto, limpe a venda e volte com uma toalha seca.

Você cumpre a ordem prontamente, retornando com a toalha de rosto. Eu estava deitado na cama com a barriga para cima e te ordeno que seque o meu suor. Você vai lentamente me secando, como uma boa serviçal pessoal. O faz com a dedicação de uma gueixa silenciosa, carinhosa e orgulhosa. Eu

te olho carinhosamente, penetro seus cabelos com a ponta dos dedos, te beijo e deito-a no meu peito, passando a acariciar os seus cabelos. Você me abraça e ficamos assim um bom tempo: coladinhos, relaxados e realizados, namorando um pouco enquanto recobramos as energias para o que ainda viria.

Em dado momento, interrompo os carinhos e te mando me aplicar uma gostosa massagem. Deito-me de costas e fico ali me deliciando com ela por um bom tempo. Você, como sempre obediente e dedicada, se esforça ao máximo para me agradar; porém, em dado instante, sentindo-se mal por estar ainda toda melada, suada e usada, instintivamente me pede para tomar um banho. Mal acaba de pedir e se arrepende com medo da minha reação; porém, esta seria das mais compreensíveis:

– Banho, porque não? – Digo em tom calmo, porém visivelmente divagando alguma nova ideia.

Ordeno que para tal tire as algemas e tornoeleiras. Você obedece e, sem querer, como num reflexo, vai começando a retirar também a coleira; porém, eu imediatamente te interrompo:

– NUNCA! - Você para estática e assustada - Nunca tire a sua coleira de sessão. Só eu posso retirá-la de seu pescoço. A escrava retirá-la significa que está desistindo de ser escrava.

Você compreende. Pede perdão pela sua distração e se ajoelha aos meus pés. Eu vou até seu pescoço e retiro a coleira para que possa tomar banho. Você se levanta e segue para o banheiro. Eu te acompanho e você fica com os movimentos tímidos e com medo de fazer algo errado, enquanto eu fico encostado na moldura da porta te apreciando. Você liga a água do chuveiro e, então, me ouve dizer:

– Estou com vontade de mijar!

Você se confunde um pouco. O que teria de fazer nesta situação? Segurar o meu membro enquanto urino? Ou seria... Sim, era isso: a “chuva dourada”!

– Mestre?! - Você tenta se esquivar, sempre com seu “charminho”.

– De joelhos! – ordeno impassível, apontando para o centro do banheiro, bem encima do ralo.

Você vem vacilante e indecisa e se ajoelha de frente para mim, mantendo as mãos às costas e levantando bem o queixo a fim de proteger o rosto, pois eu haveria de respeitar seu limite previamente acordado da chuva dourada ser apenas em seu corpo.

Eu venho até sua frente, seguro meu membro e o aponto para você. Demora um pouco até que você sinta o jato forte e quente esguichar em seu peito, respingando para todos os lados. O líquido se espalha e escorre pelo seu pescoço, seios, barriga e coxas, esquentando todo o seu corpo. O cheiro forte exala, te dando um leve enjoo e você vai sentindo a pressão diminuir enquanto a poça no chão se incumbe de deixar molhados os seus joelhos, pés e pernas. Sente os últimos pingos do balanço que faço resvalar um pouco em seu rosto e eu, num deboche, zombo:

– Isso sim é que é um banho!

Você fica ali ajoelhada no meio do banheiro, com a frente do seu corpo toda molhada por aquele líquido quente e de forte odor. Demora um pouco até que sente um outro forte jato em seu corpo, desta vez frio. Era a duchinha do chuveiro com a qual eu te lavava, antes de ordenar:

– Limpe o banheiro e depois pode tomar seu banho.

Você assim faz: começa por limpar o banheiro com a duchinha, secando o chão de quatro com uma toalha. Toma um delicioso banho, caprichado e completo. Seca-se e arruma as toalhas, sabonete, xampu e tudo o mais para o meu banho. Enche a banheira, coloca a espuma, liga a hidromassagem e vem até o quarto anunciar o meu banho. Eu, então, entro na banheira e você, do lado de fora, me auxilia: me ensaboando, passando xampu, massageando minhas costas, preparando minha toalha e me secando da cabeça aos pés.

Recoloco a sua coleira e as algemas sem maiores formalidades, e você repõe as tornozeliras. Mando que fique de quatro e te levo assim pela guia até o quarto. Puxo-a para que se levante e, vindo por trás de você e fazendo menção de me aproximar para beijar seu pescoço, você levanta os cabelos e eu

encosto meu corpo no seu, beijando carinhosamente suas costas e pescoço. Levo meu dedo até sua boca e mando-a lambê-lo. Você obedece e, lambendo-o como a um membro, umedece-o bem. Eu, então, o retiro da sua boca e vou descendo devagar pela lateral do rosto, do pescoço, passo pelo seu seio, barriga, quadris, chegando à sua coxa e subindo por dentro dela até chegar em seu cuzinho, fazendo pressão e menção de penetrá-lo. Você dá um pulo, solta os cabelos e balbucia um assustado e proibido “NÃO”!

... silêncio...

Olho-a com reprovação e firmeza. Você se arrepende, se apavora, mas já era tarde. Seu charminho acabara por te fazer cometer uma grande besteira.

– “Não?” – pergunto indignado - Como ousa usar esta palavra? Não sabe que ela é proibida para a escrava?

– S-sim, Mestre... Me p-perdoe!...

– Você foi longe demais, escrava. Precisa ser disciplinada. Você ainda vai implorar hoje para que eu te use toda.

– Sim Sr, eu vou! Eu imploro agora mesmo, mas tenha piedade e me perdoe. Eu nunca mais direi essa palavra, eu juro. – Você estava realmente arrependida de sua besteira e temerosa com o castigo por uma falha tão grande. Mas era tarde.

– Calada! Você fala demais e implora demais. De quatro, agora!

Vou até o aparador e te chamo para junto de mim. Você vem rastejando de quatro, como a cadelinha arrependida que estava, tentando me agradar. Puxo-a pela guia para que se levante e ordeno que vire de costas. Coloco-lhe uma mordaca de borracha no formato de um mordedor, que mais parecia um arreio de cavalo. Sem pressa, como que curtindo a sua angústia de quem estava sendo preparada para o suplício, te levo até a coluna no centro do quarto, prendendo suas mãos às costas e atrás dela, deixando-a de frente para mim. Puxo seus tornozelos para trás da coluna e os prendo um no outro por meio de uma curta corrente. Naquela posição você ficava desconfortável e desequilibrada. Não havia como defender qualquer toque na parte frontal de seu corpo e, face ao pouco equilíbrio, nem mesmo conseguiria se esquivar ou tremer. Você se mantém ali imóvel e apreensiva com

o castigo que viria. Eu vou até o aparador calmamente, deixando que a demora e ansiedade complementem a tortura, e apanho os *clamps* (também chamados de prendedores de mamilos ou Jacarés). Venho andando até você, lentamente, com um sorriso sádico e fazendo questão que você visse o objeto que a torturaria. Seu olhar é de súplica e angústia. Fico bem em frente a você e, com uma das mãos, seguro os *clamps* e, com a outra, começo a dedilhar o biquinho do seu seio.

Você resmunga ininteligível por detrás do mordedor, ainda tentando obter alguma complacência de minha parte.

– Vou torturá-la demoradamente e cada vez pior. De tempos em tempos te perguntarei se irá me dar este seu cuzinho. Quero ver você implorar para que eu o aceite.

Você balança a cabeça em sinal de que iria implorar, ou melhor, de que já estava implorando. Eu te interrompo:

– Agora não, ainda não te perguntei nada.

Com meu dedilhado, o bico dos seus seios logo se enrijecem. Eu, então, venho lentamente com um dos *clamps* aberto, aproximando-o do seu seio esquerdo. Pela posição desequilibrada você não tem nem como se mexer, quanto mais se esquivar. Prendo os *clamps*, primeiro no mamilo da esquerda e logo em seguida no da direita. Você dá uma contorcida quando cada um deles é fechado, beliscando seus biquinhos; porém, eu – benevolente com sua inexperiência – prendo-os numa boa distância da pontinha do bico, o que faz com que a pressão e a dor sejam menores. Você nota que no início, quando eles se fecham, a dor é seca e imediata, mas logo se ameniza. (isso porque eu não tinha colocado os *clamps* bem na ponta); porém, com o passar do tempo - que eu espero calmamente - o peso e o balançar da fina correntinha que une um *clamp* ao outro acaba por transformar a sensação indiferente numa dor crescente. Você começa a gemer baixinho e eu, a fim de aumentar o seu suplício, seguro a corrente com o indicador e o polegar e começo a puxá-la levemente... A dor aumenta, e a cada puxada torna-se cada vez mais insuportável. Você geme forte.

– Vai aprender a nunca mais me dizer não!

Você balança a cabeça em afirmativa e me olha com olhar implorativo, resmungando. Eu não me comovo e vou puxando os *clamps* pela correntinha em leves estocadas, cada vez mais fortes, que fazem com que eles saiam da confortável posição inicial onde foram colocados, longe da ponta dos biquinhos, e venham ficando cada vez mais perto delas, onde a dor é maior e insuportável. Você começa a tremer com a sensação desagradável de desequilíbrio, impotência e dor. Eu dou uma última puxada bem forte, fazendo com que os *clamps* cheguem o máximo para a ponta sem sair. Solto de uma vez a correntinha que os une e, ela caindo e ficando a balançar, causou-lhe uma dor incrível e insuportável.

– Vai me dar este cuzinho? – pergunto pausadamente. Você balança a cabeça numa afirmativa decidida e desesperada.

– Não sei se quero. – Debocho. Pois agora era a minha vez de fazer “charminho” diante da sua angústia. Pois poderia ficar ali horas te castigando e sabendo que a cada minuto que passasse seu suplício seria cada vez mais insuportável. Aquilo me agradava, afinal, os *clamps* são a minha tortura preferida, por serem sutis, elegantes e eficientes, sem a violência do chicote nem a sujeira da cera de vela.

Você continua a implorar por piedade com os olhos e alguns gemidos. Era cada vez mais convincente e angustiada. Mas eu não me comovo e mantenho sua tortura, fazendo menção de mais uma vez pegar a correntinha com os dedos, quando você, apavorada, murmura alto, mas ininteligível.

– OK. Vamos ver se falando você consegue me convencer. Mas fale baixinho e pense bem o que vai falar. Nada de angústia, entendeu?

Você concorda com a cabeça e eu tiro sua mordança, me afasto e fico de frente para você, com os braços cruzados, fitando-a e esperando o que tem a dizer para tentar me convencer. Você, então, começa num tom de voz baixinho e pausado, mas ainda pouco convincente:

– Meu corpo é todo seu, Mestre. Use-o como quiser. Ele é só seu e... Bem... Eu sou sua escrava e... – você gagueja e dá pausas pela dor dos *clamps*, mas não conseguia imaginar nada melhor que pudesse dizer naquela hora.

– Não me convenceu. – Interrompo, descruzando os braços e fazendo menção de ir puxar a corrente dos *clamps*, decidido.

Você se desespera! Começa a implorar de todas as formas, das mais baixas e convincentes possíveis. Perde todo seu pudor diante da apavorante perspectiva da continuidade e aumento daquela tortura e, desesperada, grita:

– Me enrabe Senhor! – apela - Meu cuzinho é todo seu... Só seu!!!... Ele é cabaço, só o Senhor o terá e mais ninguém... Me arromba toda!... E... E... Estoura minhas pregas!... Sou sua cadela, sua puta... Por favor, eu imploro!!!

Eu te olho com um sorriso de deboche em ver a “princesinha manhosa” finalmente vergando.

– OK. Vou fazer-lhe este “favor”! – Digo, como quem ainda despreza o que estava a me oferecer.

Retiro os *clamps*, abrindo-os, pois se os puxasse naquela hora você desfaleceria de dor. Mesmo assim, ela ainda foi muito forte, mas seguida de um alívio maravilhoso que te relaxa todo o corpo. Para completar, eu ainda venho com meus lábios em seus seios e beijo cada um dos biquinhos doloridos, carinhosamente, fazendo com que mais uma vez naquela noite o prazer venha se misturar à dor em você. Solto-a da coluna e você quase cai desequilibrada, mas eu te seguro. Você já começa a imaginar tudo o que viria em seguida, mas está mais que decidida a entregar todo seu corpo sem restrições e sem mais nenhum charminho. Sente que havia aprendido a lição e vergado.

– Você que escolheu assim, escrava. Serás sodomizada sem nenhuma piedade ou reconhecimento. Vai aprender a nunca mais me dizer “não”.

– Nunca mais, Senhor! - Você diz, baixinho, resignada e arrependida. Realmente, seria bem melhor se pudesse ter aquela sua entrega especial devidamente valorizada; porém, reconhece que sua falta fora infantil e grave, e por isso deixara de merecer tal consideração.

Puxo-a pela guia da coleira e, te guiando para cima da cama, te coloco de joelhos bem na beirada, com os pés para fora e de costas para mim. Vendo os seus olhos mais uma vez, retiro a guia e a substituo por uma corrente fina que em sua metade se divide em duas. Então, lentamente, começo a

te preparar para a posição na qual seria sodomizada: mando que, mantendo seus joelhos onde estavam e apoiando suas mãos na cama, fique de quatro. Afasto bem suas pernas e, puxando seus tornozelos o máximo possível para os pés da cama, prendo-os em cada um deles. Você fica ali de quatro para mim e com as pernas bem afastadas; porém, ainda se mantém numa posição defensiva, com o corpo bem jogado para frente. Eu, então, pego a correntinha presa em sua coleira e, puxando-a por entre suas pernas, faço com que sua cabeça venha se aproximando ainda mais de seus joelhos e paire sobre o lençol, obrigando-a assim a empinar mais o bumbum, prendendo finalmente cada uma das duas pontas da correntinha em cada uma das tornozeleiras.

Mesmo assim, você ainda consegue se manter esquivada, uma vez que seu tronco se mantém curvado. Para solucionar isso, eu prendo suas mãos para cima, juntas, no centro da cabeceira da cama. Pois com os braços esticados para cima, sem possibilidade de muito descanso nos cotovelos, você é obrigada a descurvar o tronco e empinar ainda mais o bumbum.

O resultado de toda aquela preparação era “*sui generis*”: você estava de quatro, toda amarrada e vendada, com as ancas bem empinadas e seu cuzinho totalmente oferecido. E, para completar, eu ainda demoro uma eternidade até fazer qualquer coisa, pois estava ali parado, admirando-a. Mas em dado momento você me sente indo até o aparador e apanhando algumas coisas que jogo sobre a cama ao seu lado. Retorno para detrás de você e derramo sobre a parte superior de seu bumbum, quase costas e bem no topo do seu reguinho, uma grande quantidade de lubrificante. Pela gravidade, uma pequena parte dele vai escorrendo pelas suas costas, mas a maior quantidade desce em filete pelo seu rego, umedecendo seu ânus e chegando até mesmo em seu sexo. Você sente meu dedo descendo pelo seu rego e chegando em seu cuzinho bem lubrificado. Eu pressiono-o levemente, em movimentos circulares cada vez mais fortes. Com a lubrificação e aquele movimento, vou penetrando-o bem devagar... Com ele totalmente lá dentro, começo a dedilhar a parede do seu reto. A sensação inicial causa-lhe certa estranheza, mas depois acaba por agradá-la. Sinto-a até gemer bem baixinho, mas não consigo identificar se de prazer ou por incômodo.

Mas o melhor ainda estaria por vir: ainda através do seu cuzinho, dobrando os dedos e mantendo a pressão contra a parede que o separa do interior do seu sexo, alcanço o seu “Ponto G” e começo a massageá-lo. Você delira! Com o polegar da mesma mão, começo a tocar também seu grelinho. Aqueles seus tímidos e indecifráveis gemidos vão aos poucos se transformando num urro de prazer. Retiro o dedinho e coloco em seu lugar um vibrador bem pequeno e fino. Vou te penetrando com ele lentamente, mas mesmo assim aquela sensação te incomoda. Ligo-o e um mudo gemido sai de seus lábios. Eu, então, penetro sua xotinha com um outro vibrador de tamanho bem maior e o gemido desta vez é bem mais sonoro, repetido e continuado. Seu prazer começava a ser bem intenso com aquela dupla penetração. Eu me levanto e fico parado ao seu lado, observando-a naquele delírio. Mas seus gemidos e seus orgasmos logo se misturam ao barulho e à dor de uma forte chicotada em seu bumbum. Você, naquela posição, nem tem como se esquivar. Solta um grito mudo de dor, mas mesmo assim, não se esquece de contar: “Um, Senhor, obrigada!”.

– Não precisa mais contar, escrava, a menos que eu mande. A partir de agora, apenas ao final agradeça se for uma tortura ou peça perdão se for um castigo. Vejo que já sabe diferenciá-los. Estas chicotadas agora são por puro capricho meu e para nosso deleite, por isso são uma tortura e não um castigo. É também uma vaidade, pois quero me deliciar em ver sua pele avermelhando. Sabes que na tortura podes sentir prazer, no castigo, não. Por isso, quero agora que peça para apanhar.

Você estranha a ordem, mas a sensação dos vibradores em seus dois orifícios na intensidade máxima era alucinante e você imagina que misturar aquele prazer com a dor do chicote poderia ser maravilhoso. Por isso, não reluta em obedecer:

– Me bate. - Pede baixinho e envergonhada.

SLEPT!!! – Uma forte chicotada queima seu bumbum.

– Mais alto, não ouvi.

– Me bate!

SLEEEPT !!!

- ME BATE !!!

SLEEEPTTT... SLEEEEEPTTTTT...

Os vibradores, o chicote, sua imobilidade e ter que pedir para apanhar, enfim, tudo te enlouquece de tesão.

- Grite! - Ordeno

- **ME BAAAAATE!!!**

SLEEEPTTT... SLEEEPTTT... SLEEEEEPTTTTTT...

Sem necessidade de contagem, as chicotadas vêm uma atrás da outra. Você sente o ardor delas em sua pele se misturando ao seu tesão, mas mesmo assim se mantém imóvel.

Eu interrompo as chicotadas, você agradece e eu retiro o vibro pequeno de seu cuzinho, lentamente, para fazê-la sentir cada milímetro saindo. Retiro em seguida o vibrador grande da sua xotinha, também lentamente, e o introduzo no seu cuzinho, bem rápido!

Você pula de susto. Eu apanho outro vibrador, maior e mais potente, e introduzo-o em sua xotinha na intensidade máxima. Você berra de tesão, morde o lençol e mais uma vez eu fico ali parado admirando-a se contorcer de prazer.

Você ouve o barulho do isqueiro. Eu havia acendido uma vela vermelha e iria começar a torturá-la com sua cera quente, começando por pingá-la em seu bumbum empinado, quase nas costas. Vou subindo em linha reta pelo centro de suas costas e a cada novo pingo seu corpo se estremece sem se mexer. Você delira, geme e urra, sempre imóvel, até que sente que eu desapareço por algum tempo, mas os vibradores continuam te enlouquecendo. Volto e você sente uma sensação diferente em cada lateral das suas costas: era algo que eu estava passando em você com as mãos e que, passado o susto e analisando melhor, você logo reconhece a sensação: era frio, muito frio... Eram pedras de gelo!... Eu passeio com elas pelo seu corpo, nas pernas, nas coxas, no bumbum, nas costas, até alcançar o bico dos seus seios, quando o frio do gelo anestesia um pouco o dolorido que ainda sentia pelos *clamps*. Você já

não aguentava mais de tanto tesão e mistura de sensações, quando eu, então, venho por trás de você, retiro o vibro do seu cuzinho e ordeno:

– Quero que me peça para te enrabar, escrava!

Você não vacila e, extasiada, grita:

– ME ENRABE, MESTRE, ME COMA TODA!

Retiro o vibro da sua xotinha para que seu cuzinho não fique ainda mais apertado e digo, carinhosamente:

– Sei que esse é um momento especial para você. Por isso, não vou deixar de dar o devido valor que ele merece. Chega de dor por enquanto. Quero que se concentre em sentir seu corpo ser totalmente meu.

Dando ação às palavras, coloco o preservativo, vou até detrás de você, seguro-a pelos quadris carinhosamente e encosto a cabeça do meu membro rijo em seu cuzinho. Você se concentra, tentando ao máximo relaxar. Vou pressionando-o devagar e cuidadosamente, sem qualquer violência... Já alargado pelo vibro, seu buraquinho vai dando fácil vazão ao meu membro. Quando sinto que a cabecinha já entrara, dou uma rápida, mas cuidadosa estocada, evitando-lhe uma dor mais prolongada com a penetração lenta, ou mesmo que, de alguma forma, você se trave e impeça-me de sodomizá-la. Você se sobressalta, não sei se por dor ou já por prazer, mas se mantêm de quatro, forçada pela corrente da coleira presa a seus pés. Seguro firme suas ancas e continuo a te possuir. Você sente um cuidado muito especial de minha parte naquele ato. Eu vou te penetrando e mexendo cuidadosamente, pois não queria que sentisse dor naquele momento, e sim entrega e submissão. Eu demonstrava estar dando o devido valor à sua entrega. Você sente seu cuzinho se alargando, ardendo e sendo totalmente usado. Era isso: você se sentia totalmente minha naquele momento, como nunca se sentira de nenhum outro homem.

Mas não tardo a retirar meu membro do seu cuzinho e, após trocar o preservativo, penetrá-la em sua xotinha. Seu tesão aumentava ainda mais e você grita alto e desta vez só de prazer. Não satisfeito, com o polegar eu ainda iria te penetrar o cuzinho, enquanto continuava te comendo gostoso. Você também sente uns tapinhas nas suas nádegas, que dou com a outra mão.

– Me Bate! - Você ainda pede instintivamente.

Sente, então, que eu apanho o chicote *flog* de curtas tiras e começo a usá-lo no alto e nas laterais das suas costas. Você já não controlava mais suas gozadas que vinham uma atrás da outra.

Em seguida, você me sente soltando seus tornozelos da cama e da corrente que os prendiam à coleira e empurrando-a suavemente para frente, guiando-a para que se deite de costas na cama, com as pernas juntas. Sua mão se mantinha presa no alto da cama, mas agora com folga. Ordeno que empine sua bunda naquela posição e me deito sobre seu corpo, com as pernas abertas, tornando a penetrá-la. Puxo-a pelos cabelos, ordenando que levante seu corpo. Você, ainda com as mãos amarradas, dobra os cotovelos, deixando seu tronco curvado e o corpo acima dos seios levantado. Suas costas se curvam totalmente. Seus ombros estavam elevados e seu bumbum empinado. Eu afasto seus cabelos do pescoço, fazendo aparecer a tatuagem! Aquela visão me enlouquece e eu acelero minhas estocadas, enquanto com cada uma de minhas mãos aperto cada um dos seus seios por trás de você e minha língua percorre todas as suas costas, ombros, pescoço e ouvidos. Meus dedos faziam um gostoso carinho em seus mamilos doloridos enquanto minha outra mão desce pela sua barriga até chegar em seu grelhinho. Você estava, então, no auge do seu tesão e gozava sem parar, berrando, gemendo e inundando o lençol, com seu sexo que sinto totalmente encharcado, parecendo que havia urinado.

– Me come, me fode toda! – Você grita já totalmente solta e desinibida, enquanto eu balbuciava baixinho em seu ouvido, te incentivando:

– Isso, grite, grite mais. Vamos minha putinha, minha cadela, minha vagabunda!

– Isso! Sou sua putinha, Mestre! Me foooode!

Você sente as estocadas cada vez mais rápidas e meu suor que já pingava nas suas costas. Minha respiração fica mais e mais ofegante e eu também começo a gemer... Delirar... Urrar... E... Finalmente...

... Gozar!

Não demoro a, desfalecido e exausto, desabar sobre seu corpo. Fico ali alguns longos minutos, te abraçando com nossos corpos suados e com meu membro ainda dentro de você, enquanto suspirávamos aliviados, realizados e felizes.

Mas não tarda para que, após um suspiro, eu me levante, te retire a venda e solte as algemas das correntes. Em seguida eu me deito ao seu lado e você já sabia o que deveria fazer: vai até a antessala, apanha uma cerveja e me serve. Vai até o banheiro, pega uma toalha seca e, se ajoelhando ao meu lado na cama, passa os minutos seguintes secando meu suor lenta e carinhosamente. Eu, então, te pego pelo queixo, levantando sua cabeça, e, olhando-a nos olhos, te pergunto:

– Como foi ser finalmente uma escrava real?

Você abaixa a cabeça ainda envergonhada e me responde bem baixinho e sincero, acompanhando um sorriso de satisfação e sapequice:

– Maravilhoso, Senhor...

Eu, então, me levanto e determino que se mantenha de joelhos para ouvir suas ordens com muita atenção:

– Todos os dias você deve me enviar um e-mail detalhando seus horários livres para os três dias seguintes. Assim, sabendo sua disponibilidade, eu poderei te ligar ou mandar um e-mail marcando, com a antecedência mínima necessária, uma daquelas horas livres e um local para nos encontrarmos. Por isso, qualquer modificação em sua agenda deve ser notificada imediatamente, por meio de um e-mail suplementar ou mesmo por mensagem no celular. Respeitarei todos os seus horários impróprios e seus compromissos. Por isso, não se preocupe, em hipótese nenhuma interferirei em sua vida particular, pessoal ou profissional. - você vai concordando com a cabeça, e eu continuo - Quando receber o e-mail marcando o dia, hora e local, você não precisa confirmar sua presença, deve apenas obedecer e chegar na hora e local marcados, sem nenhum atraso. Para isso, mantenha sempre seu relógio muito bem regulado, pois cada minuto é importante e fará diferença. Em hipótese alguma cogite ou discuta as ordens e marcações, ao menos que – por engano – eu esteja desrespeitando ou ignorando a sua agenda que me

enviou. Em suma, a partir de agora, você deve estar à minha disposição sempre que você puder e eu quiser.

– Sim, Mestre, estarei.

– Agora, levante os cabelos. – Você obedece e eu retiro sua coleira, ordenando que você mesma retire as algemas e tornozeleiras e vá tomar um banho.

Você dá um largo sorriso que estava represado dentro de você, levanta rápido para me agarrar com um gostoso beijo, sem qualquer inibição, antes de seguir saltitante, feliz e desinibida para tomar seu demorado banho. Eu tomo o meu e em seguida ficamos amenamente conversando sobre aquela nossa primeira relação e nossas perspectivas, quando você mais uma vez confirma sua escolha e entrega, pedindo permissão para, orgulhosa e decidida, poder me chamar a partir de então de “Dono”, já que agora era minha escrava real e assumida e não mais somente a pupila que aprende e descobre o BDSM com o Mestre. Eu consinto, satisfeito. Pago a conta (pois para mim “escravas não tem dinheiro”) e seguimos para casa.